

# Arte em formato vídeo

Sair das galerias, levar as obras de arte para a rua e interagir com o público é o objectivo da Fuso. Uma mostra em formato vídeo, com clássicos ou jovens talentos, em sessões contínuas em Lisboa.

TEXTO DE HELENA VIEGAS

O vídeo Balkan Barroque evoca o passado da mulher no ecrã: Marina Abramovic, 'body artist' jugoslava. É uma autobiografia, simultaneamente real e imaginária, de alguém que viveu a Jugoslávia de Tito, a guerra, e que no seu percurso experienciou a violência quotidiana, os limites físicos e psíquicos do seu corpo – e é também um dos grandes projectos da história da vídeo arte.

A obra do cineasta francês Pierre Coulibeuf, de 1999, que pertence à colecção Berardo, é um dos vídeos seleccionados para a programação da Fuso – Anual de Vídeo Internacional de Lisboa, que se realiza de 28 de Julho a 30 de Agosto, na capital. E poderá ser vista num dos quatro plasmas montados no espaço de projecções permanentes que irá ser criado na galeria do BES Arte & Finança, na Praça Marquês de Pombal.

O projecto Fuso, que surge este ano na sua primeira edição, conta com uma selecção de vídeos da produtora independente Elsa Aleluia e de Jean-François Chougnnet, director artístico do Museu Colecção Berardo. Tem como pretensão levar a vídeo arte a dife-

rentes públicos e por isso prevê a projecção de obras em espaços diversos, como o espaço BES Arte & Finança, o LUX Frágil, os jardins do Goethe Institut ou o terraço do Centro Cultural de Belém (CCB). “A nossa ideia foi criar um evento anual que seja um espaço exclusivo para o vídeo fora das galerias e exposições – um evento que cruze a cidade e vá ao encontro das pessoas”, explica a programadora Elsa Aleluia.

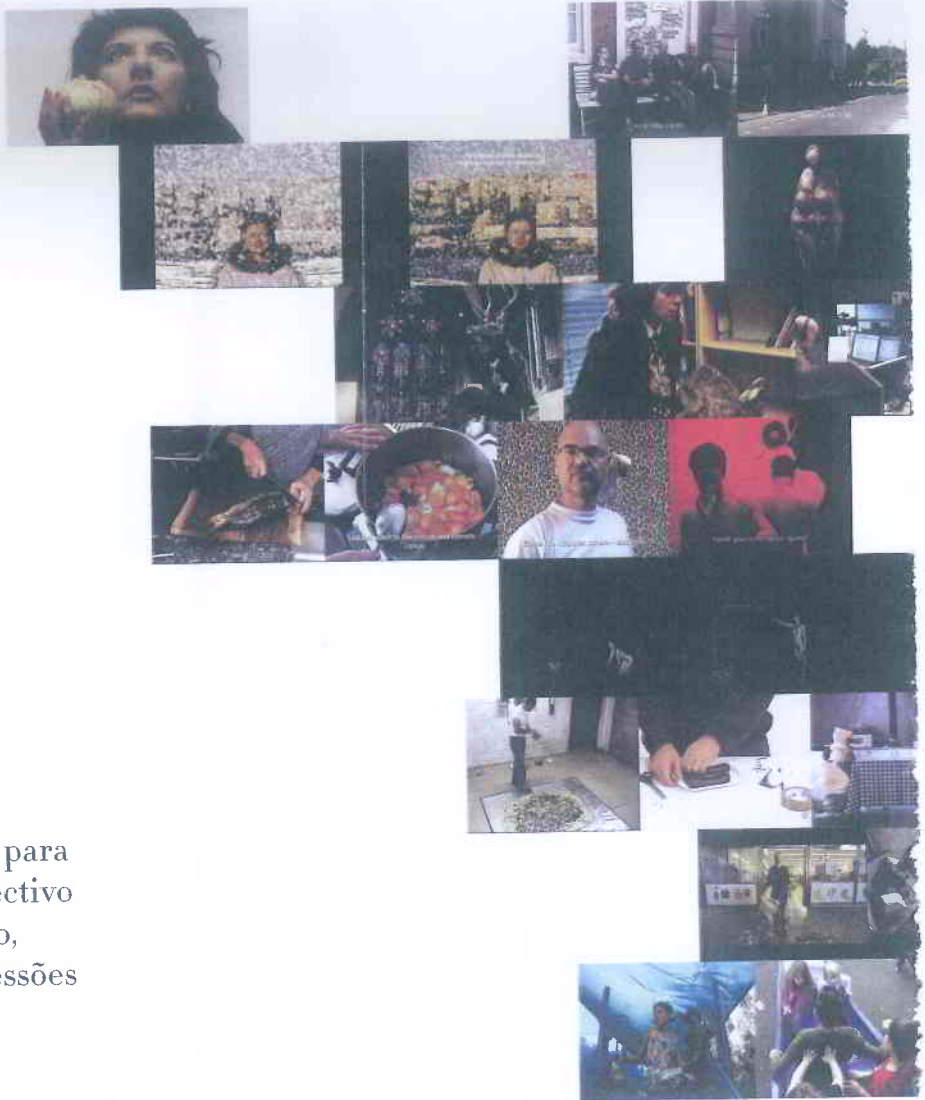
O vídeo é “uma forma artística bastante híbrida que só recentemente, e isto principalmente em Portugal, tem um lugar próprio nas artes plásticas”, lembra a produtora. A organização de uma anual como a Fuso é, por esse motivo, uma boa oportunidade para divulgar algumas obras e fazer uma justa homenagem à vídeo arte. E isto, de uma forma democrática, já que todas as sessões são completamente gratuitas.

Nesta primeira edição, os programadores quiseram “voltar às origens” e optaram por mostrar algumas peças que são já “clássicos” como a obra de Pierre Coulibeuf sobre Marina Abramovic, mas também peças mais recentes, que remetem para questões que desde sempre estiveram presentes nas várias abor-

dagens da vídeo arte. Filmes que exploram a relação do artista com a obra, o auto-retrato, a auto-representação, o jogo de personagens ficcionadas que são colocadas em interacção com o público.

A relação do vídeo e a ‘performance art’ é uma das áreas em destaque com a proposta de peças históricas de autores como Bruce Nauman, Gary Hill, Joseph Beuys, Bill Viola, Marina Abramovic e Valie Export, entre outros. A vídeo-dança estará presente com um programa dedicado a Walter BreVerdin. E há também um sub-tema “com peças mais contemporâneas de tendências próximas que se constituíram como discursos de realidades políticas distintas e silenciadas, de territórios como a Polónia e Israel, que produziram artistas como Aneta Grzeszykowska, Lior Waterman, Guy bem Ner, e Azorro Group”.

A selecção das obras foi o resultado de uma escolha prévia motivada pelo tema definido pela equipa que está por trás da ideia e da programação da Fuso – Anual de Vídeo Internacional de Lisboa. E “também de algumas surpresas” obtidas ao longo de um





A pensar na cidadania empresarial e com o objectivo de divulgar a arte e a cultura, de forma a chegar a todos os públicos, o BES Arte & Finança foi inaugurado a 9 de Setembro de 2008. Exposições, concertos, conferências e workshops são realizados neste espaço na Praça Marquês de Pombal, em Lisboa.



“A fotografia e o conceito de fotografar é algo que está integrado na nossa vivência e que depois passa à memória, ao universo da narrativa e da ficção. Os artistas vivem nesse limbo”, explica Maria do Mar Fazenda, que teve ainda a preocupação de organizar a mostra de modo a permitir que esta não tivesse que ser vista de uma só vez. Assim, agrupou os trabalhos em vários núcleos: “Documentar, Reconstruir” e “Espelhar, Desdobrar”, no primeiro piso, e “Nomear, Devolver” e “Presenciar, Testemunhar”, no piso inferior. Cada um deles remete para um tipo de relação que a fotografia cria entre a realidade e a ficção, entre o presente e a memória.

Ao longo de todo o espaço há que ter bem presente que nem tudo o que parece é. Afinal, por vezes os artistas fazem fotografias factuais que são encenadas (exemplo de “Attick 5”, de Ricarda Roggan), e outras é a realidade que, de tão extraordinária, parece ficção – caso dos embondeiros que em Madagáscar impressionaram Tacita Dean. “Os artistas exploram o diálogo permanente entre a realidade e a ficção”, afirma a curadora.

Para Maria do Mar Fazenda, “Two Little Girls”, a obra de Hans-Peter Feldmann, que abre a exposição e o núcleo “Documentar, Reconstruir”, é dos exemplos mais perfeitos desse diálogo. A partir de uma fotografia já existente, de que não se conhece nem o autor nem o nome das personagens, o artista criou uma outra realidade, ao recortar a imagem de uma criança, da qual manteve a sombra. “Isto permite ao espectador colocar, através da sua imaginação, o conteúdo que entender naquela imagem”, afirma a curadora.

Ao longo de uma parede, as fotografias actuais de uma casa degradada, juntam-se a textos e a imagens passadas do mesmo lar ainda habitado, seguindo-se fotografias que resultam da sobreposição de negativos de dois tempos diferentes. É desta forma que Duane Michals revisita as memórias de infância em “The house I once called home”. A partir dos documentos passados e fotos actuais, cria uma nova casa. Isto ao mesmo tempo que explora o tema da fragilidade: da fotografia, da memória e da própria casa, degradada pelo passar dos anos. Os trabalhos que integram o núcleo “Espelhar, Desdobrar” criam maior jogo com quem visita a exposição. “Weiber Vorhang III”, de Sabine Hornig, acaba por integrar o reflexo de quem passa. Esta artista escolhe quase sempre imagens de superfícies reflectoras – uma montra, neste caso – e potencia depois esse efeito ao aplicar acrílico sobre a foto, multiplicando os reflexos. Outra das obras da artista presente na exposição, “Landscape Negative”, integra o público na própria obra de arte. A fotografia-instalação, em vidro, faz com que, quem esteja do outro lado se torne parte integrante da imagem. “Só quando nos aproximamos é que vemos

que não se trata de uma imagem abstracta mas sim... foto, em negativo, de um monte de lixo”, explica Maria do Mar Fazenda, para quem há aqui uma evidente reutilização da ideia de paisagem.

Jemima Stheli brinca com espelhos e reflexos nas suas criações. Em “Studio Double #1”, a fotografia recoloca-se em fotografias de moda de Helmut Newton, usando espelhos que reflectem a sua imagem. O fio do disparador aparece sempre, sinal de que é a artista que assume o momento em que é tirada a foto. Acaba por substituir não só as supermodelos como o próprio acto de fotografar.


No caso de Louise Lawler, a tentativa de trazer novas leituras da realidade passa por fotografar obras de arte fora do seu contexto habitual. A peça reproduzida em “What Else Could I Do”, foi fotografada antes do leilão em que foi adquirida pela colecção Berardo.

Ao descer ao piso inferior multiplicam-se os nomes de artistas portugueses: Pedro Cabrita Reis, José Luís Neto, Rui Calçada Bastos, João Tabarra, são apenas alguns... “É pura coincidência”, garante Maria do Mar Fazenda. A nacionalidade dos artistas não foi sequer um critério para a escolha das obras. “Os artistas têm grande mobilidade e, nessa perspectiva, não faz sentido falar em ‘fotografia alemã’ ou ‘fotografia portuguesa’”.

Um dos trabalhos mais marcantes do núcleo “Nomear, Devolver” pertence a José Luís Neto, vencedor da primeira edição do prémio BES Photo, que pegou nos retratos que Joshua Benoliel fez a presos políticos.

O último núcleo da exposição – “Presenciar, Testemunhar” – começa e termina com obras de Rui Calçada Bastos, português a viver em Berlim há dez anos. As duas imagens centram-se numa mala de viagem com um espelho. É através dela que testemunhamos a parte da realidade que a fotografia não capta, acabando por funcionar como uma fotografia dentro da própria fotografia.

O testemunho dado pelas obras de Sophie Calla é claramente autobiográfico. Em “Exquisite Pain” narra, em foto e texto, a memória de um abandono sofrido há mais de 20 anos, em 1984. Ao lado, uma outra história de abandono amoroso, já não autobiográfica, passada exactamente duas décadas antes, em Paris, em 1964. Nestas duas obras, a narrativa não é só criada a partir das memórias e criatividade da artista. Na verdadeira acepção da palavra, há um “tecer” das histórias, uma vez que os textos são bordados a linha.

Outro nome português remata a viagem entre realidade e ficção. Em “Parc Monceau”, Gabriela Albergaria dá continuidade à imagem da fotografia, com o desenho criado a partir da mesma paisagem. Para ver até 4 de Setembro. 



Em cima, “Weiber Vorhang III”, de Sabine Hornig, a artista que gosta de trabalhar com imagens de superfícies reflectoras. Ao lado, “Paradoxical Western Scene” (2006), é o nome do trabalho de Rodney Graham; e Maria do Mar Fazenda a responsável pela mostra, que pode ser visitada até 4 de Setembro.



BES ARTE & FINANÇA  
Praça Marquês de Pombal, nº 3 - Lisboa,  
Tel.: 218839001



2

